

## Coisas da Política

### Governo pede ajuda a S. Francisco dos pobres

**N**o balanço amalucado e ilógico de governo politicamente desestruturado, a cotação do presidente Collor de Mello registra sensível melhoria nos últimos dias, por conta de dois episódios quase simultâneos, mas que guardam íntima correlação.

O primeiro deles é a derrubada, na segunda votação do Senado, da emenda do senador José Richa que propunha a antecipação do plebiscito sobre a forma e o sistema de governo.

Recuando dos solenes e reiterados pronunciamentos de fidelidade das suas convicções parlamentaristas, Collor concordou que seu ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, articulasse à última hora a virada de meia dúzia de votos decisivos, sepultando; ao menos por este ano, o sonho dos tucanos de liderar a campanha de mobilização popular para a aprovação do parlamentarismo nas urnas, daqui a pouco mais de cinco meses.

Jogando com oportunismo sem maior atenção à coerência, Collor omitiu-se na primeira rodada de votos para não ser colhido pelo vendaval oposicionista que, pelas suas previsões, deveria soprar no Senado, misturando no mesmo saco da rejeição o julgamento do governo com a maldição ao presidencialismo.

No primeiro momento, como era inevitável, tucanos e parlamentaristas cobraram com irritada veemência a duplicidade presidencial. Serenados os ânimos, na avaliação objetiva do incidente emerge a evidência de que o governo livrou-se de um pesadelo. A antecipação do plebiscito, no clima de desapontamento e frustração que envolve de crepe a sociedade, desencadearia imediatamente uma desatinada campanha, empalmada pelos radicais, de desestabilização do governo. Daí em diante seria inviável tentar tomar pé na balbúrdia da escalada dos comícios, passeatas e xingamentos, encostando o governo contra a parede no encurralamento da lapidação.

Uma vez aprovado o parlamentarismo pelo voto majoritário, o passo seguinte, na cadência da marcha batida, seria a antecipação da revisão constitucional para adoção imediata do sistema preferido pelo eleitorado. Com Collor na presidência oca, esvaziada de poderes; sem Collor, mas sempre, apesar de Collor.

Bem, essas as consequências imediatas e perceptíveis a olho nu do enterro da antecipação do plebiscito.

Há outras que exigem maior atenção para serem identificadas.

Junto com a emenda, no mesmo esquife, baixou à cova a quimérica aliança do PSDB com o

governo, salivada em conversas forradas de boas intenções e da mais pura ingenuidade.

Como os dois atores falam línguas diversas, o diálogo nunca daria em nada. Mas, a mímica riscava no espaço a ilusão da comunhão de ideais e da coincidência dos propósitos.

Enquanto perdia tempo no flerte inconsequente, o presidente desagradava a sua já escassa, pouco confiável e ciumenta base de sustentação parlamentar. Mais desembaraçado, o PFL acusava a traição e rilhava os dentes na advertência do revide no voto. Doméstico e nanico, o PRN choramingava pelos cantos a ingratidão do guru.

Na periferia do PDS, do PTB, do PDC, do PL e das miçangas avulsas do adesismo, campeou o rebuliço da perplexidade: ou o governo tentava aviar um angu ideológico, misturando fubá com abóbora, ou trocava de parceiros sem a gentileza de remeter o aviso prévio de dispensa dos antigos aliados.

O rompimento do namorico com o PSDB, escandaloso e público, com descomposturas cruzadas de adjetivos pesados — embora sem a grossura das ofensas irremovíveis —, repôs as coisas nos seus devidos lugares.

Pode ser até que, no final, nada dê certo. Mas, como no ritmo binário do minueto — passinho para cá, passinho para lá, intercalado pelo compasso das reverências —, o PSDB recolheu-se à sua casca; o presidente fechou-se em copas e, no Congresso, os reconciliados comparsas, num alvoroço, rearrumam-se em blocos e alianças para as próximas valsas.

PFL e PRN reafirmam, no Senado e na Câmara, a união em bloco de governismo explícito. No outro canto do tabuleiro, o PDS, o PTB, o PDC e o PL juntam os trapos na mesma trouxa de bancada de respeitáveis 113 deputados, segunda força na Câmara.

Enfim, o governo encontrou-se com seus aliados naturais, com os quais mantém perfeita afinidade.

Parece pouco, mas não é. Na caótica bagunça partidária do Congresso, a sacudidela que mexe com as siglas que gravitam em torno do governo talvez prenuncie um ensaio de arrumação, restabelecendo a tradicional linha divisória entre governo e oposição.

Lá é verdade que Collor está diante de outro tipo de risco. Blocos e alianças que dele se reproximam não trocam voto por nada.

Práticos, objetivos, diretos, negociam apoio na eterna barganha do toma lá, dá cá. Como é da política e da vida.